

TUDOR HOUSE, E2/93
22 YORK PLACE,
BAKER STREET,
LONDON, W.

Meu nobre Poeta e Amigo:

Escrevo-lhe de Londres, aonde me trouxeram trabalhos de Struggle ha um anno encetados e que por muito mais tempo se teem protelado do que a principio me fizeram supôr. Recebi aqui a ultima "Aguia". Apresso-me a agradecer-lhe menos os injustos elogios, do que o carinho e fraternal apêlo do seu escrito. Muito agradavel me é o devêr, que me impõe, de uma resposta.

Teem sido da sua pena os artigos de fundo da "Aguia", ou quando seus não são, pareceram-me a mim e a outros inspirados pelos seus ideas e do seu gosto a que neles falava o meu Amigo, não em seu nome, mas no da Renascença. Ora negando-se-me o espirito a confessar os pontos de fé do seu Credo, que eu via seguidos pelos nossos companheiros, senti-me estrangeiro na catedral da "Renascença", e seria falsidade para comigo mesmo e para com os meus amigos o deixar de confessá-lo. Ninguém melhor do que eu neste momento o que ha de impertinente e de pedantesco no impingir-lhe agora uma discussão de definições e um relatório dos meus juizos. Sou eu o primeiro a dar pouca importancia á minha pessoa, e nada me repugna mais do que importunar seja quem fôr com a mesquinhez do que eu creio e do que eu penso. A sua bondade obriga-me porem a acudir ao seu chamamento, e a fazer um exame de consciencia para ver se um povo e creio ser meu serviço e legitimo um escritor como o meu Amigo, o mascarar o sentido das palavras de maior valor estético e despi-las daquellas graças de significado e sentimento em que a nobre

[p.1]

Meu nobre Poeta e Amigo:

Escrevo-lhe de Londres, aonde me trouxeram trabalhos de Struggle ha um anno encetados e que por muito mais tempo se teem protelado do que a principio me fizeram supôr. Recebi aqui a ultima "Aguia". Apresso-me a agradecer-lhe menos os injustos elogios, do que o carinho e fraternal apêlo do seu escrito. Muito agradavel me é o devêr, que me impõe, de uma resposta.

Teem sido da sua pena os artigos de fundo da "Aguia", ou quando seus não são, pareceram-me a mim e a outros inspirados pelos suas ideas e do seu gosto e aprovação. Neles falava o meu Amigo, não em seu nome, mas no da Renascença. Ora negando-se-me o espirito a confessar os pontos de fé do seu Credo, que eu via seguidos pelos nossos companheiros, senti-me estrangeiro na catedral da "Renascença", e seria falsidade para comigo mesmo e para com os meus amigos o deixar de confessá-lo. Ninguém melhor do que eu neste momento o que ha de impertinente e de pedantesco no impingir-lhe agora uma discussão de definições e um relatório dos meus juizos. Sou eu o primeiro a dar pouca importancia á minha pessoa, e nada me repugna mais do que importunar seja quem fôr com a mesquinhez do que eu creio e do que eu penso. A sua bondade obriga-me porem a acudir ao seu chamamento, e a fazêr um exame de consciencia para ver se

TUDOR HOUSE,
22 YORK PLACE,
BAKER STREET,

LONDON, W.

Meu nobre Paeta e Amigo :

Escrevo - lhe de Londres, aonde me trouxe
sam trabalhos de Struggle ha um anno euctados
e que por muito mais tempo se tem protelado
do que a principio me fizeram supôr. Recebi
aqui a ultima "Opinia". Spresso-me a agradecer-me
menos os injustos elojios; do que o carinho e fraternal a-
pelo do seu escrito. Muito agradand-me e' o deus, que
me nipete, de uma resposta.

Tenho sido da sua pena os artigos de junho da
"Opinia", ou quando seus nã sã, pareceram - me a mim
e a outros injuriados pelos seus deos e do seu posto a apro-
narat. Nello falava o meu amigo, nã em seu nome, mas
na da Renascença. Ora negando-se-me o espirito a con-
fessar os factos de fe' do seu credo, que eu via seguidos
pelo nossos companheiros, senti-me estorpeado na
cabeçal da "Renascença", e seria falsidade para
omigo mesmo ^{para com} os meus amigos o deixar de
confessá-lo. Ninguém melhor do que eu senti
este momento a que ha de impertinente e de
pretentoso no impongir - lhe agora uma discuss-
sã de definiçães e um relatório dos meus
juizos. Sou eu o primeiro a dar pouca impor-
tancia a minha pecca, e nada me repugna mais
do que importunar seja quem for com a mesqui-
nhes do que eu creio e do que eu penso. A sua
bondade obriga-me porem a acudir ao seu chama-
mento, e a fazer um exame de consciencia para
ver se em eu não unicamente um mal entendido
nos separa. É a linguagem a mais importante criaçã de
um povo e creio ser mau serviço e illegitimo um
escritor como o meu amigo, o mascarar o sentido das
palavras de maior valôr emotivo e despi-las daquellas
gradaçães de significado e sentimento em que a vida

[cont. p.1]

sim ou não unicamente um mal entendido nos separa.

É a linguagem a mais importante criação de um povo e creio
ser mau serviço e ilegítimo num escritor como o meu amigo, o
mascarar o sentido das palavras de maior valôr emotivo e despi-las
daquellas gradações de significado e sentimento em que a vida

espiritual as envolveu durante seculos de expressão. Não é o nosso Proença, mas o meu Amigo, que se me antolha discorde neste ponto com a alma do seu povo. Quanto mais indago da nossa gente o que a saudade seja, mais se me enviscera que fosse Garrett quem com suma felicidade e profundidade a logrou exprimir — o Garrett do "Camões" e do "Frei Luis de Sousa", o poema e a tragedia da saudade. A propria banalidade em que caiu a definição garretiana, a voga a admiração de cultos e de incultos, é neste ponto a garantia mais forte da verdade e da justeza com que se sentiu traduzido o sentimento da estirpe. Ora, o "gosto amargo de infelizes" o "delicioso pungir de acerbo espinho," pode ser fonte ainda de muita e muita admiravel obra de arte, — mas não alavanca para a reformação de um povo. Toda a especie de arte e toda a manifestação temperamental é igualmente lícita e verdadeira, quer deprima ou tonifique, seja triste ou seja alegre, combativa ou fraternal, de unção ou de revolta, de espirito pagão ou de inspiração cristã, ou ainda sintese do que quer que seja: — outro ponto em que fundamente eu me afasto da "Renascença." Diz-nos agora neste artigo que "a sua intransigencia não vai alem do campo religioso e artístico:" mas, meu nobre e generoso Poeta, é já ir longe, muito longe, infinitamente longe. A intransigencia é abominavel em qualquer extensão que exista, e de tal maneira o é, que me dispõem de apresentar aqui uma sequer dos milhares de razões filosoficas, scientificas, esteticas e moraes da tolerancia. Supponha que o mundo se não acaba amanhã — hipótese que nada tem de absurda — e pretenda acaso que de hoje para o futuro a humanidade repita, repita e repita durante seculos a sua concepção da arte, e a dos seus companheiros da "Renascença"?

[p.2]
espiritual as envolveu durante seculos d expressão. Não é o nosso Proença, mas o meu Amigo, que se me antolha discorde neste ponto com a alma do seu povo. Quanto mais indago da nossa gente o que a saudade seja, mais se me enviscera que fosse Garrett quem com suma felicidade e profundidade a logrou exprimir — o Garrett do "Camões" e do "Frei Luis de Sousa", o poema e a tragedia da saudade. A propria banalidade em que caiu a definição garretiana, a voga a admiração de cultos e de incultos, é neste ponto a garantia mais forte da verdade e da justeza com que se sentiu traduzido o sentimento da estirpe. Ora, o "gosto amargo de infelizes" o "delicioso pungir de acerbo espinho," pode ser fonte ainda de muita e muita admiravel obra de arte, — mas não alavanca para a reformação de um povo. Toda a especie de arte e toda a manifestação temperamental é igualmente lícita e verdadeira, quer deprima ou tonifique, seja triste ou seja alegre, combativa ou fraternal, de unção ou de revolta, de espirito pagão ou de inspiração cristã, ou ainda sintese do que quer que seja: — outro ponto em que fundamente eu me afasto da "Renascença." Diz-nos agora neste artigo que "a sua intransigencia não vai alem do campo religioso e artístico:" mas, meu nobre e generoso Poeta, é já ir longe, muito longe, infinitamente longe. A intransigencia é abominavel em qualquer extensão que exista, e de tal maneira o é,

espiritual ao envolver durante seculos de expres-
são. Não é o nosso Presença, mas o meu Amigo,
que se me antolha discordar neste ponto com
a alma do seu povo. Quanto mais indago da
nossa gente o que a saudade seja, mais se
me adivinha que fosse Garrett quem com sua
felicidade e profundidade a lapsou exprimindo
— o Garrett do "Camões" e do "Frei Luis de Sousa"
o poema e a tragedia da saudade. A propria
banalidade em que caem a definiçõ Garrettia-
na, a voga a admiragõ de cultos e de incul-
tos, e neste ponto a garantia mais forte da
verdade e da justiza com que se sentiu
traduzido o sentimento da estirpe. Ora, o "porto
amargo de infelizes" o "dehiscido pingor de acedros
sepinhos," pode ser fonte ainda de muita e muita
admiravel obra de arte, — mas não alavanca para
a reformagõ de um povo. Toda a especie de
arte e toda a manifestaçõ temperamental e in-
qualmente licita e verdadeira, quer deprimida ou to-
nifique, seja triste ou seja alegre, combativa ou fra-
ternal, de unção ou de revolta, de espirito pagão
ou de inspiraçõ cristã, ou ainda sintese do que
quer que seja: — outro ponto em que fundamentalmente em
meu oposto da "Renascença." Diz-nos agora neste artigo que
"a sua intransigencia não hai além do campo religi-
oso e artistico!" mas, meu nobre e generoso Poeta, e
já ir longe, muito longe, infinitamente longe. A in-
transigencia é abominavel em qualquer extensõ que
alvista, e de tal maneira o é, que me dispense
de apresentar aqui uma sequer das milhares de ra-
zões filosoficas, scientificas, esteticas e moraes da
tolerancia. Suponha que o mundo se não acaba amanhã
— hipotese que nada tem de absurda — ¿ Pretende acaso
que de hoje para o futuro a humanidade repita, re-
pita e repita durante seculos a sua concepçõ da
arte, e a dos seus companheiros da "Renascença"?

[cont. p.2]

que me dispense de apresentar aqui uma sequer das milhares de
razões filosoficas, scientificas, esteticas e moraes da tolerancia.
Suponha que o mundo se não acaba amanhã — hipotese que
nada tem de absurda — ¿ Pretende acaso que de hoje para o
futuro a humanidade repita, repita e repita durante seculos a sua
concepção da arte, e a dos seus companheiros da "Renascença"?

2

87/13

TUDOR HOUSE,
22 YORK PLACE,
BAKER STREET,
LONDON, W.

Honra-se? Reconhecerei o Pascoaes ao seus di-
 os mesmos direitos de intransigência contra si?
 So' poderia ser intransigente o absoluto: se abso-
 porém o absoluto, se existe, não encontraria objecto
 em que a essa intransigência se exercera. Mas
 voltando a saudade: — Negar-me á que consiste
 ela no que eu julgo com Garrett e com outros
 gente portuguesa, se bem que não sou da Pen-
 ceira. A verdadeira definição da saudade ficaria
 pois a sua: — "a velha lembrança gerando o novo
 desejo". Concordo que neste caso não seria a
 desfavoravel aos propositos regenerantes da "Nação",
 mas perder-se-ia completamente o seu valor nativo
 malitico, ou, como pretende, racial. "A velha lembrança
 gerando o novo desejo" é tanto portuguesa como
 russa, italiana, alemã, chinesa ou malaia. No campo
 mais geral, toda a especie de povos partagem uma
 antiga idade de ouro para que se alongaram me-
 tafisicamente os seus desejos; e no campo especia-
 da vida historica de cada povo, sempre se lembram
 glorias passadas como incubos de novas empresas e
 como tonico diariamente recordado para energias
 extenuadas. Não dou exemplos, ou antes arrajo-los
 — como o algarvio ao 5000 virgens da sua terra
 para argumento de superioridade religiosa —
 todos os poetas, todos os politicos, todos os oradores, to-
 dos os articulistas de todo o mundo. O meu
 dilema, em resumo, é este: ou a saudade é
 a saudade portuguesa, e não presta para a sua
 propósito de regeneração nacional, ou se lhe dá
 um geito para que preste e deixará de ser por-
 tuguesa. O artigo do Cortesão traz ideias que
 me parecem justas; mas onde, em meu entender,
 ele falha, é no momento em que pretende ligá-
 las á teoria da saudade, com a qual eu as
 vejo na opposição mais completa.

[cont. p.3]

e não presta para os seus intuitos de regeneração nacional, ou se lhe dá um geito para que preste e deixará de ser portuguesa. Se são os sentimentos melancolicos e saudosistas a caracteristica do genio português — eis ahi outro problema em que não dou opinião. A favor da afirmativa poderá citar-se Oliveira Martins; mas contra o constituem eles uma caracteristica exclusivamente nossa, diferencial, ahi está o facto de ser o nosso retrato por Martins uma quasi copia do retrato, provavelmente fantasista, que do Celta desenhou Renan. O artigo do Cortesão traz ideias que me parecem justas; mas onde, em meu breve entender, ele falha, é no momento em que pretende ligá-las á teoria da saudade, com a qual eu as vejo na opposição mais completa.

casamento do cristianismo com o paganismo nem
nova idea me parece, nem nada tem de especial-
mente portugêsa: Lembre-se de Goethe e Rafael
para citar duas artes diferentes, dois seculos distan-
tes e dois povos diversissimos. Esse encontro dos
dois principios foi vulgar condicao nos ho-
mens do Renascimento. Não conheço infelizmente
a sua conferencia no Porto sobre o Espirito Lusitano.
Vejo por uma citação do Jaime que segundo
meu Amigo, "foi a saudade transfigurada em Acção e Victoria no corpo de Afonso
Henriques, que riscou na Iberia as fronteiras de
Portugal". Já antes de Afonso Henriques o pensa-
mento da independencia se levantára no pai,
francezinho da gema em cujo corpo a saudade
portugêsa tambem lhe deu para incubar. Qual era
então "a antiga lembrança"? "Foi a saudade o
zefiro remoto que enfunou as vélas das nossas
naus descobridoras": mas creio eu que não é
para desprezar o papel que nessas descobertas
tiveram muitos filhos da patria de Colombo,
de Vespuccio e de Caboto. Costumavam estrangeiros
seguir nas armadas: não o digo para diminuir
a gloria aos nossos, que nada como isso
lha diminuiria, mas para insinuar que talvez
os mesmos sentimentos, menos singulares
que a saudade e mais praticos, impeliriam uns
e outros. Não posso abstrair neste assunto do
vasto, forte, e positivo pensamento politico do
previdente D. João II — homem de cuja
raça se quer da do Infante D. Henrique. Os
espíritos da saudade nos descobrimentos teriam
sido variados, e de modo a embarazar certos
negos o investigador entusiasta: suponto que
dominaria a saudade nas tripulações reval-
tadas que pelas alturas do Cabo pretendiam a
faria voltar para casa que a isso obrigaram
Bartholomeu Dias, e teriam dirigido Vasco da Gama,
se não tivessem dado com um nome, um voluntario
e irreversivel e irreversivel capaz de queimar
muitos tripulantes inteiros, e naturalmente pouco
accidental aos desejos liricos da Gama. — "Foi a
saudade que desprezou as nossas criaturas em 1640"
a saudade, Michelien, os interesses da nobreza e a politica
do jesuita: — Qual teria sido a mais operante? —
Porque não a saudade que brantou a espada de Garibaldi
di, que vilrou nos discursos de Fichte e nas canções de
Kerner, que entendeu os cantos de Tago e que agor-
ningelle o que conta os rebulos do aborram? — Não
estaria tambem neste caso "a antiga lembrança" gran-
de um novo desejo? O que diz Oliveira Martins do meu
deixamos adiver nel o dij ele de Portugal, mas da Iberia
(e a Espanha foi neste ponto de vista) bem
mais fecunda do que nós: não serve portanto como

[p.4]

O casamento do cristianismo com o paganismo nem nova
idea me parece, nem nada tem de especialmente portugêsa:
Lembre-se de Goethe e Rafael, para citar duas artes diferentes, dois
seculos distantes e dois povos diversissimos. Esse encontro dos
dois principios foi vulgar condição nos homens do Renascimento.
Não conheço infelizmente a sua conferencia no Porto sobre o
Espirito Lusitano. Vejo por uma citação do Jaime que segundo o
meu Amigo, "foi a saudade transfigurada em Acção e Victoria no
corpo de Afonso Henriques, que riscou na Iberia as fronteiras de
Portugal". Já antes de Afonso Henriques o pensamento da
independencia se levantára no pai, francezinho de gema em cujo
corpo a saudade portugêsa tambem lhe deu para incubar. Qual
era então "a antiga lembrança"? "Foi a saudade o zefiro remoto que
enfudou as vélas das nossas naus descobridoras": mas creio eu
que não é para desprezar o papel que nessas descobertas tiveram
muitos filhos da patria de Colombo, de Vespuccio e de Caboto.
Costumavam estrangeiros seguir nas armadas: não o digo para
diminuir a gloria aos nossos, que nada como isso lha diminuiria,
mas para insinuar que talvez os mesmos sentimentos, menos
singulares que a saudade e mais praticos, impeliriam uns e outros.
Não posso abstrair neste assunto do vasto, forte, e positivo
pensamento politico do providente D. João II — homem de cuja

casamento do cristianismo com o pagãoismo nem
para idea me parece, nem nada tem de especia-
mente portuguesa: Lembre-se de Goethe e Raphael
para citar duas artes diferentes, dois seculos distan-
tes e dois povos diversissimos. Me encontro
dos dois principios foi vulgar condicao nos ho-
mens do Renascimento. Não conheço infelizmente
a sua conferencia no Porto sobre o espírito de
sibano. Vejo por uma citação do Jaime que
segundo o meu amigo, "foi a saudade transfigu-
rada em Beza e Victoria no corpo de Afonso
Bourguin, que ruem na Iberia as fronteiras de
Portugal." Já antes de Afonso Bourguin o pensa-
mento da independencia se levantava no pai,
francês da guerra em cujo corpo a saudade
portuguesa tambem lhe deu para machar. Qual era
então "a antiga lembrança"? "Foi a saudade o
zepto remoto que seguim as oitavas das nossas
mans descobridoras": mas creio em que não é
para desapear o papel que nesses descobri-
mentos muitos filhos da patria de Colombo,
de Vesputio e de Caboto. Continuam os estrangeiros
nao seim nas annalas: não o digo para de-
mora a gloria aos nossos, que nada com isso
me diminuiria, mas para mostrar que talvez
os mesmos sentimentos, meos singulares que
a saudade e mais praticos, singelissimos
e outros. Não posso abstrair neste assumto do
neste ponto a positivo pensamento politico do
presidente D. João II — homem de cujo acco
é possível julgar com muitissima mais segun-
zaça do que da do Infante D. Henrique. Os
spitos da saudade nos descobrimentos teria-
rão variados, e de modo a embarazar certos
reos o investigador entusiasta: suponho que
dominaria a saudade nas tripulações revol-
tadas que pelas alturas do Cabo pretendiam a
força voltar para casa, que a isso obrigaram
Bartolomeu Dias, e teriam obrigado Vasco da Gama,
se não tivessem dado com um nobre, um voluntario
sanguinario e ferocissimo capaz de queimar
vivas tripulações inteiras, e naturalmente pouco
acessivel aos devaneios liricos da Raça — "Foi
a Saudade que despedaçou as nossas grilhetas em 1640."
a Saudade, Richelieu, os interesses da nobreza e a politica dos
Jesuitas: — Qual teria sido a mais operante? E porque não a
saudade que brandiu a espada de Garibaldi, que vibrou nos
discursos de Fichte e nas canções de Körner, que estrondeou nos
canhões de Tago e que agora impele o grego contra os redutos do
otomano? Não estaria tambem nestes casos "a antiga lembrança
gerando um novo desejo? O que diz Oliveira Martins do misticismo
activo não o diz ele de Portugal, mas da Iberia (e a Espanha foi
neste ponto do misticismo bem mais fecunda do que nós): não
serve portanto como

[cont. p.4]

acção nos é possível julgar com muitissima mais segurança do que da do Infante D. Henrique. Os efeitos da saudade nos descobrimentos teriam sido variados, e de modo a embarazar certas vezes o investigador entusiasta: suponho que dominaria a saudade nas tripulações revoltadas que pelas alturas do Cabo pretendiam á força voltar para casa, que a isso obrigaram Bartolomeu Dias, e teriam obrigado Vasco da Gama, se não tivessem dado com um nobre, um voluntario sanguinario e ferocissimo capaz de queimar vivas tripulações inteiras, e naturalmente pouco acessivel aos devaneios liricos da Raça — "Foi a Saudade que despedaçou as nossas grilhetas em 1640." a Saudade, Richelieu, os interesses da nobreza e a politica dos Jesuitas: — Qual teria sido a mais operante? E porque não a saudade que brandiu a espada de Garibaldi, que vibrou nos discursos de Fichte e nas canções de Körner, que estrondeou nos canhões de Tago e que agora impele o grego contra os redutos do otomano? Não estaria tambem nestes casos "a antiga lembrança gerando um novo desejo? O que diz Oliveira Martins do misticismo activo não o diz ele de Portugal, mas da Iberia (e a Espanha foi neste ponto do misticismo bem mais fecunda do que nós): não serve portanto como

~~non sans~~ ~~partado~~ como característica nacional. Creio porém que mesmo ahí ha exagero no nosso poeta historiador, e que o misticismo afirmativo da vonta- de humana existiu como facto e como sentimento para além da península, e limitar-me-ei a exem- plificar com este mesmo país em que acidentalmente agora vivo. Ninguém mais do que Oliveira Martins insistiu no pouco acentuado do nosso genio, e no cosmopolitismo das empresas e da gente que as levava a cabo.

É de tal maneira basilar entre nós o vicio de nos limitarmos a puras negações, que nem dele se libertam os espiritos do tope do meu Amigo. Escreveu algures que depois de apagada a candeia de Roma só nos restava extinguir o facho de Paris. Mas diga-me: — ¿Que sucederia se o Edison, em lugar de descobrir a lampada de incandescencia, começasse por destruir todas as fabricas de velas de sebo, para que se acabasse de vez com a moda antiga de iluminar? Por cada fabrica destruida nasceria outra com outro nome: É o que succede em Portugal, na politica, na administração, na educação, nos costumes: o mesmissimo sebo com letreiro novo. Mas se o meu Amigo, em vez de pregar a destruição seja lá do que fôr, instalar uma boa fabrica de luz electrica, apertar-se-ão os fregueses na sua casa, abandonando a do vizinho das velas que fechará e que virá, convertido, empregar-se na sua. Não, meu Amigo, o nosso mal não é a luz do facho de Paris: é o que nos cumpre e acende ^{o facho de Paris:} o de Berlim, o de Roma, o de S. Petersburgo a todos os mais que prestativos forem. Não confundamos o copiar as formas e as instituições (parodia a que nos temos refugio, e contra a qual são justas nota a especie de protestos,) com a apreciação a tecnica, o saber, a ^{os processos,} experiencia acumulada pelo es- col do povo que arancaram durante o tempo em

[p.5]

como característica nacional. Creio porém que mesmo ahí ha exagero no nosso poeta historiador, e que o misticismo afirmativo da vontade humana existiu como facto e como sentimento além da península. Limitar-me-ei a exemplificar com este mesmo país em que acidentalmente agora vivo. Ninguém mais do que Oliveira Martins insistiu no pouco acentuado do nosso genio, e no cosmopolitismo das empresas e da gente que as levava a cabo.

É de tal maneira basilar entre nós o vicio de nos limitarmos a puras negações, que nem dele se libertam os espiritos do tope do meu Amigo. Escreveu algures que depois de apagada a candeia de Roma só nos restava extinguir o facho de Paris. Mas diga-me: — ¿Que sucederia se o Edison, em lugar de descobrir a lampada de incandescencia, começasse por destruir todas as fabricas de velas de sebo, para que se acabasse de vez com a moda antiga de iluminar? Por cada fabrica destruida nasceria outra com outro nome. É o que succede em Portugal, — é o que tem sucedido de ha muitos anos para cá na politica, na administração, na educação, nos costumes: o mesmissimo sebo com letreiro novo. Mas se o meu Amigo, em vez de pregar a destruição seja lá do que fôr, instalar uma boa fabrica de luz electrica, apertar-se-ão os fregueses na sua casa, abandonando a do vizinho das velas que fechará e que virá, convertido, empregar-se na sua. Não, meu

~~non sans~~ ~~portada~~ como característica nacional. Creio
porém que mesmo ahí ha acago no nosso poeta
historiador, e que o misticismo apimativo da vouta
de humana assistin como facty e como sentimento
para além da península, ~~e~~ limitar-me-ei a esem-
plificar com este mesmo país em que acidentalmente
agora vivo. Ninguém mais do que Oliveira Martins
insistiu no pouco accentado do nosso genio, e no
cosmopolitismo das empesas e da gente que as
levava a cabo.

É de tal maneira basililar entre nós o vicio de
nos limitarmos a puras negações, que nem dele
se libertam os espiritos do tope do meu amigo Sere
sem alguns que depois de apagada a candearia de
Roma só nos restara extinguir o facto de Paris.
Mas diga-me: - ¿ Que succederia se o Edison, em lo-
gar de descobrir a lampada de incandescencia, com-
cesse por destruir ~~as~~ ~~fabricas~~, todas as fabricas
de velas de sebo, para que se acabasse de vez com
a ~~a~~ moda antiga de illuminar? Por cada fabrica
destruida nasceria outra com outro nome: e o que
sucede em Portugal, ~~na politica, na administração,~~
na educação, nos costumes: o mesmissimo sebo
com letreiros novos. Mas se, meu Amigo, em vez
de pregar a destruição seja lá do que for, inste-
lar uma boa fabrica de luz electrica, apertar-se-
ão os frequentes na sua casa abandonando a
do vizinho das velas que fechará e que virá,
convertido, empregar-se na sua. Não meu ~~talpa~~
o nosso mal não é a luz do facho de Paris:
é que nos cumpre e acender ~~tambem~~ ^o de Londres,
o de Berlin, o de Roma, o de S. Petersburgo e to-
dos os mais que prestativos forem. Não confundamos
o copiar as formas e as ~~instituições~~ ^{instituições} (parodia a
que nos temos reduzido, e contra a qual são justos
toda a especie de protestos,) com o aprender a tecnica, o
saber, ^{os processos,} a experiencia acumulada pelo es-
col dos povos que avançaram durante o tempo em

[cont. p.5]

Poeta, o nosso mal não é a luz do facho de Paris: o que nos
cumpre é acender realmente esse, e ainda o de Londres, o de
Berlin, o de Roma, o de S. Petersburgo e todos os mais que
prestativos forem. Não confundamos o copiar as formas e as
instituições (parodia a que nos temos reduzido e contra a qual são
justos toda a especie de protestos,) com o aprender a tecnica, o
saber, os processos, a experiencia acumulada pelo escol dos povos
que avançaram durante o tempo em

27/12
como sempre, em negar. Só se destroe, disse Comte, o que se substitue, e nós não temos elementos alguns positivos tradicionais por que substituir a disciplina jesuita. Quando o jesuita entrou, incidiu sobre um povo que já só possuía a educação parasitária. Uns pirateavam, e o resto vivia da actividade alheia. O empregado publico e o politico de hoje são os descendentes do frade e do mendigo que esmolava a sopa á portaria dos conventos. Não sei se a saudade nos libertará desta logica da historia: mas creio que não. E visto que não temos entre nós uma disciplina tradicional do trabalho, uma educação, ou como lhe queira chamar, mas vivemos e respiramos uma atmosfera de inercia parasitaria, é esse o elemento que havemos de pedir ao estrangeiro: os metodos, a tecnica, a educação para a produção crematistica.

Na esfera da arte o caso é outro. Possuimos ahi criações proprias, elementos tradicionais, o que não quer dizer que mesmo ahi nos possamos isolar do universo. Jamais assim succedeu. A arte grega é originalissima — mas muito devem ao Oriente; é original a literatura peninsular nos seculos XVI e XVII, mas muito devem á Italia; é original a literatura francesa de Luis XIII e Luis XIV, mas muito devem á espanhola. O verso alexandrino é menos proprio á nossa lingua e mais difficil que o decasílabo por motivos que seria facilissimo deduzir da *trissílabo*, do *Famulus* etc., da nossa palmaria; esse o seu contra, e não, como já ouvi a um professor, o não ser tradicionalmente portuguez: por que tambem o decasílabo era estrangeiro quando foi introduzido. Parece restaria de todos os artes, de todos os povos, em todos os tempos, se lhes fizessemos ablaços de estrangeiros influencias. Não tivemos porém em adaptar o inadaptavel; procedamos organica e não artificialmente, como tantas e tantas vezes temos feito. Não consiste a originalidade em nada afora de influencias mas em adaptar em formas proprias as proprias ideas e as alheias. Um acerto, creio que a "renascença" ao seu programma artistico, que acerta, recitando por fora sobre a uniformidade dogmatica, deve trabalhar por um programa social, pedagogico, ou politico, e acerta o que quer chamar, dando á palavra a sua mais larga e mais sobre accção: programa preciso, positivo, trabalhado no dominio

[p.7]

como sempre, em negar. Só se destroe, disse Comte, o que se substitue, e nós não temos elementos alguns positivos [sic] tradicionais por que substituir a disciplina jesuita. Quando o jesuita entrou, incidiu sobre um povo que já só possuía a educação parasitária. Uns pirateavam, e o resto vivia da actividade alheia. O empregado publico e o politico de hoje são os descendentes do frade e do mendigo que esmolava a sopa á portaria dos conventos. Não sei se a saudade nos libertará desta logica da historia: mas creio que não. E visto que não temos entre nós uma disciplina tradicional do trabalho, uma educação, ou como lhe queira chamar, mas vivemos e respiramos uma atmosfera de inercia parasitaria, é esse o elemento que havemos de pedir ao estrangeiro: os metodos, a tecnica, a educação para a produção crematistica.

Na esfera da arte o caso é outro. Possuimos ahi criações proprias, elementos tradicionais, o que não quer dizer que mesmo ahi nos possamos isolar do universo. Jamais assim succedeu. A arte grega é originalissima — mas muito devem ao Oriente; é original a literatura peninsular nos seculos XVI e XVII, mas muito devem á Italia; é original a literatura francesa de Luis XIII e Luis XIV, mas muito devem á espanhola. O verso alexandrino é menos apropriavel á nossa lingua e mais difficil que o decasílabo por

27/12

como sempre, em negar. Não se destrói coisa bonita, e se se substitui, e nós não temos elementos, alguma coisa tradicional, por que substituir a disciplina jurídica. Quando o genito entrou, virou-se sobre um povo que já se pôs sobre a educação parasitária. Mas juntaram-se o resto da vida da actividade alheia. O emprego publico e o politico de hoje são os descendentes do padre e do mendigo que esmolava a sopa a portaria dos conventos. Não sei se a saudade nos libertaria desta logica da historia; mas creio que não. É visto que não temos entre nós a disciplina tradicional do trabalho, uma educação, ou como lhe queira chamar, mas vivemos e respiramos uma atmosfera de mercancia parasitaria, e esse o elemento que devemos de pedir ao estrangeiro: os métodos, a tecnica, a educação para a produção crematística.

Na esfera da arte o caso é outro. Possuimos ali criações proprias, elementos tradicionais, o que não quer dizer que mesmo ali nos possamos orgulhar do universo. Jamais accim succedem. A arte grega e originalissima — mas muito deve ao Oriente — e original a literatura peninsular nos seculos XV e XVI, mas muito deve a Italia; e original a literatura franceza de Luis XIII e Luis XIV, mas muito deve a espanhola. O verso gwantrio é o verso proprio da nossa lingua e mais difficil que o decasilabo por motivo que seria facilissimo deduzir da ~~seu~~ ^{seu} ~~trabalho~~ ^{trabalho} etc., da nossa palavra; esse o seu contra, e não, como já ouvi a um professor, o não ser tradicionalmente portuguez: porque tambem o decasilabo era estrangeiro quando foi introduzido. Parece restaria de todos os tempos, de todos os povos, em todos os tempos, se lhes fizessemos ablação de estrangeiras influencias. Não teimemos porêem em adaptar o inadaptable; procedamos organica e não artificialmente, como tantas e tantas vezes temos feito. Não consiste a originalidade em nada aprender de ninguem, mas em organizar em formas proprias as proprias ideas e as alheias. Em resumo, creio que a "Renascença", ao no seu programa artistico, que aceito, rejeitando porem toda a uniformidade dogmatica, deve trabalhar por unir um programa social, pedagogico, ou politico, se assim lhe quizer chamar, dando à palavra a sua mais larga e mais nobre accepção: — programa preciso, positivo, trabalhado no dominio

[cont. p.7]

motivo que seria facilissimo deduzir da acentuação, do tamanho etc., da nossa palavra; esse o seu contra, e não, como já ouvi a um pr[ofes]sor, o não ser tradicionalmente portuguez: porque tambem o decasilabo era estrangeiro quando foi introduzido. Pouco restaria de todas as artes, de todos os povos, em todos os tempos, se lhes fizessemos ablação de estrangeiras influencias. Não teimemos porêem em adaptar o inadaptable; procedamos organica e não artificialmente, como tantas e tantas vezes temos feito. Não consiste a originalidade [sic] em nada aprender de ninguem, mas em organizar em formas proprias as proprias ideas e as alheias. Em resumo, creio que a "Renascença", ao no seu programa artistico, que aceito, rejeitando porem toda a uniformidade dogmatica, deve trabalhar por unir um programa social, pedagogico, ou politico, se assim lhe quizer chamar, dando à palavra a sua mais larga e mais nobre accepção: — programa preciso, positivo, trabalhado no dominio

da realidade mais concreta, e das necessidades primitivas e mais urgentes. Não quero dizer com isto que todos os poetas da Renascença devam ser ao mesmo tempo os seus primeiros economistas e os seus primeiros sociólogos; mas que artistas, sociólogos e homens de acção se unam uns ensinando aos outros as conclusões a que chegaram.

Para sua maior eficácia deveria adstringir-se a Sociedade, pelo que julgo, ás condições seguintes:

1ª Interessar-se cada membro pelo estudo de qualquer dos aspectos do problema português, e fazer propaganda no sentido das suas conclusões. Nenhum começaria pela aceitação de qualquer tese ou dogma da Sociedade, mas pelo simples desejo da livre investigação.

2ª Constituir-se-ia a Sociedade com a máxima tolerância; rogar-se-ia a cada membro tão somente a boa vontade para a realização do fim comum, o desinteresse e a honestidade dos seus propositos; e todos os pontos de vista, religiosos, políticos, estéticos ou literários, seriam por igual admitidos e respeitados, se bem que por igual criticáveis com cortesia e despaixão.

3ª Cada socio falaria em seu nome, e no da Sociedade unicamente se de tal encarregado. Assim, por exemplo, o illustre director de facto com pleno direito desenvolveria a sua obra, e os membros da Sociedade; mas não sempre em artigo de fundo, e jamais em nome da Renascença.

Roberto Pascoaes, neste artigo a que respondo, critica a uniformidade entre os povos, mas não que a actue a uniformidade entre os individuos do mesmo povo. Ora, um lance de olhos á historia nos patentes de civilização dos povos e da libertação ou libertação dos individuos. O homem inferior cre, sente e age ce mo os seus companheiros de sociedade, mas os povos superiores em tudo se distinguem. Na alta civilização, pelo contrario, são os sociedades mais steriles, e as dentro de cada sociedade, mais originaes os individuos. Dahi concluo que neste ponto é o ideal da "Renascença" não muito pressuroso: violar a nação portuguesa, uniformizar os portuguezes entre si. Um dos nossos grandes males é o andarinho apartado da civilização europeia, o que já D. Luis de Camões lamentava no tempo

[p.8]
da realidade mais concreta, e das necessidades primitivas e mais urgentes. Não quero dizer com isto que todos os poetas da Renascença devam ser ao mesmo tempo os seus primeiros economistas e os seus primeiros sociólogos; mas que artistas, sociólogos e homens de acção se unam uns ensinando aos outros as conclusões a que chegaram.

Para sua maior eficácia deveria adstringir-se a Sociedade, pelo que julgo, ás condições seguintes:

1ª: Interessar-se cada membro pelo estudo de qualquer dos aspectos do problema português, e fazer propaganda no sentido das suas conclusões. Nenhum começaria pela aceitação de qualquer tese ou dogma da Sociedade, mas pelo simples desejo da livre investigação;

2ª: Constituir-se-ia a Sociedade com a máxima tolerância; rogar-se-ia a cada membro tão somente a boa vontade para a realização do fim comum, o desinteresse e a honestidade dos seus propositos; e todos os pontos de vista, religiosos, políticos, estéticos ou literários, seriam por igual admitidos e respeitados, se bem que por igual criticáveis com cortesia despaixão;

3ª: Cada socio falaria em seu nome, e no da Sociedade unicamente se de tal encarregado. Assim, por exemplo, o illustre director de facto com pleno direito desenvolveria a sua

da realidade mais concreta, e das necessidades primitivas e mais urgentes. Não quero dizer com isto que todos os poetas da Renascença devam ser ao mesmo tempo os seus primeiros economistas e os seus primeiros sociólogos; mas que artistas, sociólogos e homens de acção se unam, mas ensinando aos outros as conclusões a que chegaram.

Para sua maior eficácia deverá abstergir-se a Societate, pelo que julgo, as condições seguintes:

1.ª Interessar-se cada membro pelo estudo de qualquer dos aspectos do problema português e fazer propositiva no sentido das suas conclusões. Nenhum começa pela aceitação de qualquer tese ou dogma da Societate, mas pelo simples desejo da livre investigação.

2.ª Constituir-se-ia a Societate com a máxima tolerância; reger-se-ia a cada membro tão somente a boa vontade para a realização do fim comum e o desinteresse e a honestidade dos seus propositos; e todos os pontos de vista, religiosos, políticos, estéticos ou literários, seriam por igual admitidos e respeitados, se bem que por igual criticáveis com cordura e despauro.

3.ª Cada socio falava em seu nome e no da Societate unicamente se de tal encarregado. Assim, por exemplo, o illustre director de facto com pleno direito de intervenção em todos os números da "Águia"; mas não sempre em artigo de fundo, e jamais em nome da Renascença.

Protesta o Pascoais, neste artigo a que respondo, contra a uniformidade entre os povos, mas nego que a actual uniformidade entre os individuos do mesmo povo. Ora, um lance de olhos á historia nos patenteará este facto: a civilização caminha no sentido da identificação dos povos e da libertação ou distinção do individuo. O homem inferior crê, sente e age como os seus companheiros de sociedade, mas os povos superiores em tudo se distinguem. Na alta civilização, pelo contrario, são as sociedades mais originaes os individuos. Daqui concluo que neste ponto é o ideal da "Renascença" não muito progressivo: isolar a nação portugueza, uniformizar os portuguezes entre si. Um dos nossos grandes males é o andarmos apartados da civilização europeia, o que já D. Luis de Cunha lamentava no tempo

[cont. p.8]

interessante Teoria da Saudade em todos os numeros da "Águia", mas não sempre em artigo de fundo, e jamais em nome da Renascença.

Protesta o Pascoais, neste artigo a que respondo, contra a uniformidade entre os povos, mas vejo que o seduz a uniformidade entre os individuos do mesmo povo. Ora, um lance de olhos á historia nos patenteará este facto: a civilização caminha no sentido da identificação dos povos e da libertação ou distinção do individuo. O homem inferior crê, sente e age como os seus companheiros de sociedade, mas os povos inferiores em tudo se distinguem. Na alta civilização, pelo contrario, são as sociedades mais identicas, e adentro de cada sociedade, mais originaes os individuos. Daqui concluo que neste ponto é o ideal da "Renascença" não muito progressivo: isolar a nação portugueza, uniformizar os portuguezes entre si. Um dos nossos grandes males é o andarmos apartados da civilização europeia, o que já D. Luis da Cunha lamentava no tempo

5
27/12

do fidelissimo. Dessa civilização só as formas temos. Os grandes iniciadores, Herculano e Garrett, tentaram aplicar os principios que aprenderam do estrangeiro, — da Inglaterra e da Alemanha; os ultra românticos que os seguiram não perceberam a lição, e desataram a parodiar os francêses numa época em que a França pouco de primeira mão nos tinha a dár. Mas se nos voltarmos para os tempos aureos veremos que os Gouveas e muitos outros illustraram as universidades dessa Europa, e que professores estrangeiros ensinaram em Coimbra: nem os estrangeiros se corriam de ter lá os nossos, nem nós perdemos coisa alguma por ter ahí os estrangeiros. Essa transfusão de culturas, esse aprender de todos com a antiguidade, e dos povos entre si, foi um propulsor admiravel do Renascimento. Nem no dominio da arte me parece que se devam buscar nos portuguezes puros, nos puros alemães, nos puros italianos, os grandes espiritos directores: Bernardino e Sá de Miranda são mais portuguezes que Camões, mais italiano é o Ariosto que o Dante, e tantos outros mais alemães que não é Goethe, — quero eu dizer, mais puramente, mais cerradamente italianos, alemães e portuguezes. Não vejo pois porque não levemos a nossa bilha a todas as fontes de agua limpida donde ella corra original, e qu[er]nharemos no conservar as feições do nosso tipo pela força do jejum. Comparado ao francês e ao alemão, e decerto o potentote mais original que o italiano mas por isso mesmo é potentote. O principio de ir buscar mestres estrangeiros aos países mais adiantados nos varios ramos da actividade, p[ro]p[ri]o em pratica por todas as nações, que se resolva a avançar, já para nós era practico de tempo Alfonso III e D. Dinis. Na propria sciencia de commando armadas, em que mais tarde tivemos mestres como D. Francisco d'Almeida e D. João de Castro, nos tivemos Nicolau Pessanha, italiano contratado para admirante da nossa esquadra, e o primeiro que tivemos.

Julgo pois, em resumo, que pelos seus artigos na "Revista" a "Renascença" se apertou, negou, e esculhia em excesso. Creio mesmo que não sempre deves-

[p.9]
do Fidelissimo. Dessa civilização só as formas temos. Os grandes iniciadores, Herculano e Garrett, tentaram aplicar os principios que aprenderam do estrangeiro, — da Inglaterra e da Alemanha; os ultra românticos que os seguiram não perceberam a lição, e desataram a parodiar os francêses numa época em que a França pouco de primeira mão nos tinha a dár. Mas se nos voltarmos para os tempos aureos veremos que os Gouveas e muitos outros illustraram as universidades dessa Europa, e que professores estrangeiros ensinaram em Coimbra: nem os estrangeiros se corriam de ter lá os nossos, nem nós perdemos coisa alguma por ter ahí os estrangeiros. Essa transfusão de culturas, esse aprender de todos com a antiguidade, e dos povos entre si, foi um propulsor admiravel do Renascimento. Nem no dominio da arte me parece que se devam buscar nos portuguezes puros, nos puris alemães, nos puros italianos, os grandes espiritos directores: Bernardino e Sá de Miranda são mais portuguezes que Camões, mais italiano é o Ariosto que o Dante, e tantos outros mais alemães que não é Goethe, — quero eu dizer, mais puramente, mais cerradamente italianos, alemães e portuguezes. Não vejo pois porque não levemos a nossa bilha a todas as fontes de agua limpida donde ella corra original, e qu[er]nharemos no conservar as feições do nosso tipo pela força do jejum. Comparado ao francês e ao

5
57/93
do fidelíssimo. Dessa civilização só as formas temos.
Os grandes iniciadores, Herkulano e Garrett, tenta-
ram aplicar os princípios que aprenderam do estran-
geiro, da Inglaterra e da Alemanha; os outros roman-
tizaram que os seguiram não perceberam a lição, e
desolaram a paratizar os franceses numa época em
que a França pouco de primeira mão tinha para
a dar. Mas se nos voltarmos para os tempos aureos
veremos que os Gouceas e muitos outros lutaram
com as universidades dessa Europa, e que professo-
res estrangeiros ensinaram em Coimbra. Nem os
estrangeiros se corriam de ter lá os nossos, nem
nos pertenciam coisa alguma por ter ali os estran-
geiros. Essa transposição de culturas, esse aprender
de todo com a antiguidade, e dos povos entre si,
foi um propulsor admirável do Renascimento.
Nem no domínio da arte me parece que se devam
buscar nos portugueses puros, nos puros alemães,
nos puros italianos, os grandes artistas directores:
Bernardini e La de Miranda são mais portugueses
que Camões, mais italiano é o Michelino que o Dante,
e tantos outros mais alemães que não é Goethe,
quero eu dizer, mais puramente, mais certamente
e italianos, alemães e portugueses. Não vejo pois por
que não tenhamos a nossa lição a todas as fontes
de água limpa onde ela corre original, se qu-
nharemos no conservar as feições do nosso tipo
pela força do fígado. Comparado ao francês e ao ale-
mão, é decerto o hotentote mais original que o italiano
mas por isso mesmo é hotentote. O princípio
de ir buscar mestres estrangeiros aos países mais
adiantados nos varios ramos da actividade, posto
em prática por todas as nações, que se resolvem
a avançar, já para nós era fecundo sob Afonso III e D. Dinis. Na
propria sciencia de comandar armadas, em que mais tarde
tivemos mestres como D. Francisco d'Almeida e D. João de Castro,
nos iniciou Nicolau Pessanha, italiano contratado para almirante da
nossa esquadra, e o primeiro que tivemos.
Julgo pois, em resumo, que pelos seus artigos
na "Aguia" a "Renascença" se apertou, negou, e excluiu em excesso. Creio
mesmo que são sempre dema-

[cont. p.9]

alemão, é decerto o hotentote mais original que o italiano, mas por
isso mesmo é hotentote. O principio de ir buscar mestres
estrangeiros aos países mais adiantados nos varios ramos da
actividade, posto em prática por todas as nações, que se resolvem
a avançar, já para nós era fecundo sob Afonso III e D. Dinis. Na
propria sciencia de comandar armadas, em que mais tarde
tivemos mestres como D. Francisco d'Almeida e D. João de Castro,
nos iniciou Nicolau Pessanha, italiano contratado para almirante da
nossa esquadra, e o primeiro que tivemos.

Julgo pois, em resumo, que pelos seus artigos na "Aguia" a
"Renascença" se apertou, negou, e excluiu em excesso. Creio
mesmo que são sempre dema-

siadas todas as negações e restrições, e tenho para mim que jamais devemos consagrar um minuto que seja ao pensamento de destruir: — unicamente a criação deve ser obra humana. As velharias caíram como certas povoações antigas que ninguém abate, mas que por si próprias se arruinam, pela simples razão de que ao pé delas se elevou uma cidade nova e florescente. Por si se desfazem as cousas velhas e caducas, por absorção e dissolução nas cousas novas e possantes. Só ha uma maneira legitima de matar, e só essa realmente eficaz: a concorrência. O que morre pela concorrência morre de vez; o que morre pelo ferro ressuscita mascarado. Destruindo pela criação pouparemos odios, dinamite, — e decepções. Desfazer para depois criar: eis o que me parece o velho erro; criar e transformar criando: eis o que julgo a grande verdade. Quando na natureza uma cousa morre, não é para que mais tarde uma vida dela se aproprie, mas porque antes de morrer se começou a apropriar dela uma nova vida vitoriosa. O sol, para nascer, não apaga primeiro as estrelas, e as candeias menos ainda: as auroras verdadeiras não conhecem negação. Mas nós, os homens, conhecemo-la demais, e quando o nosso facto não logra apagar as estrelinhas, que[xa]mo-nos delas, as cabeçudas, e jamais da impotência nossa, que não conseguiu levar até lá, ás alturas da claridade das auroras triunfais.

Com meu amigo, principio a ter receio de me tornar abominavel. É-me grato poder terminar dizendo que uma divergencia de ideias significa a mim simplesmente uma divergencia de ideias, e que se eu tudo completamente concordasse consigo, nem por isso com mais favor lhe apertaria a mão leal e generosa. Peço-me que distinga tres bons abraços pelo Alvaro Pinto, Cortez e Camêlo, e que me creia, etc.

A.S.

[p.10]

siadas todas as negações e restrições, e tenho para mim que jamais devemos consagrar um minuto que seja ao pensamento de destruir: — unicamente a criação deve ser obra humana. As velharias caíram como certas povoações antigas que ninguém abate, mas que por si próprias se arruinam, pela simples razão de que ao pé delas se elevou uma cidade nova e florescente. Por si se desfazem as cousas velhas e caducas, por absorção e dissolução nas cousas novas e possantes. Só ha uma maneira legitima de matar, e só essa realmente eficaz: a concorrência. O que morre pela concorrência morre de vez; o que morre pelo ferro ressuscita mascarado. Destruindo pela criação pouparemos odios, dinamite, — e decepções. Desfazer para depois criar: eis o que me parece o velho erro; criar e transformar criando: eis o que julgo a grande verdade. Quando na natureza uma cousa morre, não é para que mais tarde uma vida dela se aproprie, mas porque antes de morrer se começou a apropriar dela uma nova vida vitoriosa. O sol, para nascer, não apaga primeiro as estrelas, e as candeias menos ainda: as auroras verdadeiras não conhecem negação. Mas nós, os homens, conhecemo-la demais, e quando o nosso facto não logra apagar as estrelinhas, que[xa]mo-nos delas, as cabeçudas, e jamais da impotência nossa, que não conseguiu levar até lá, ás alturas da claridade das auroras triunfais.

siadas todas as negações e restrições, e tenho para
mim que jamais devemos consagrar um minuto que
seja ao pensamento de destruir: unicamente a criação
deve ser obra humana. No velharias caíram como
certos porcos antigos que ninguém abate, mas
que por si próprios se arruinam, pela simples
rajada de que as pés delas se elevou numa cidade
nova e florescente. Por si se desfazem as cousas
velhas e caducas, por abstração e dissolução das
cousas novas e possantes. Só ha uma maneira
legitima de matar, e só essa realmente epica:
a concorrência. O que morre pela concorrência
morre de vez; o que morre pelo ferro ressuscita
mascarado. Destruindo pela criação comparemos
odios, dinâmite, e decepções. Desfazer para depois
criar: eis o que me parece o velho erro; criar e
transformar criando: eis o que julgo a grande verdade.
Durante na natureza uma coisa morre, não é
para que mais tarde uma vida dela se aproprie,
mas porque antes de morrer se começou a apropriar
dela uma nova vida victoriosa. O sol, para nascer,
não apaga primeiro as estrelas, e as cometas novos
ainda: as auroras vestidas não conhecem seguras.
Mas nós, os homens, conhecemos a descaída, e quando
o nosso facto não logra apagar as estrelinhas, que
zambom nos delas, as cabeçadas e farras da impo-
tência nossa, que não conseguem 'levar até lá', as alturas
a claridade das auroras triumphais.

Bem, meu Amigo, principio a ter receio
de me tornar abominavel. É-me grato poder terminar
dizendo que uma divergencia de ideias significa em
mim simplesmente uma divergencia de ideias,
e que se em tudo completamente concordasse
consigo, nem por isso com mais fervor lhe apertaria a
mão leal e generosa. Peço-lhe que distribua tres bons abraços pelo
Alvaro Pinto, Cortezão e Carneiro, e que me creia, etc.

A.S.

[cont. p.10]

Bem, meu Amigo, principio a ter receio de me tornar
abominavel. É-me grato poder terminar dizendo que uma
divergencia de ideias significa em mim simplesmente uma
divergencia de ideias, e que se em tudo completamente
concordasse consigo, nem por isso com mais fervor lhe apertaria a
mão leal e generosa. Peço-lhe que distribua tres bons abraços pelo
Alvaro Pinto, Cortezão e Carneiro, e que me creia, etc.

A.S.